CÓDIGO A5 (entrevista)

Composição da familia?

ENTREVISTADO – casada, tenho 2 filhas, 19 e 12 anos. Mora comigo e a outra está fazendo faculdade. Saiu para estudar. Ela tá lá em Porto Velho, nessa pandemia agora ela tá aqui, ela tá lá porque ela tá tendo estágio, né. Ela tá fazendo engenharia civil. Na FIMCA. Ela não conseguiu o Enem suficiente pra a UNIR.

Ela pretende voltar depois?

ENTREVISTADO – Segundo ela sim, mas aí não tem , no momento.. Ela estudou na escola família agrícola no JiParaná, fez técnico em agropecuária e aí como a minha sobrinha tá fazendo, aí ela foi fazer engenharia civil, que é mais barato também né, com intenção de quando pudesse ela trocasse de curso né, mas aí ela gostou, né, mas aí ela gostou e, está gostando e tá ficando.

Qual a origem da sua família?

ENTREVISTADO – É do Sul. De origem italiana, eu nasci em Santa Catarina e vim para Colorado com 9 meses. Meus pais são do Rio Grande do Sul e eu sou de Santa Catarina. Tenho origem italiana e alemão no meio. É uma mistura aí, a gente fala que é alemão, italiano, mas tem índio também no meio, tem tudo. Porque segundo a história do meu pai, ele fala que o meu finado bisavô acho que foi, alguma coisa assim, pegou minha bisavó no mato, alguma coisa parecida assim, eu num gravei bem a história.

Há quanto tempo você vive aqui no local?

ENTREVISTADO – Ixi Maria. Desde 85, 86. Tenho 44 anos, sou de 75.

Qual é área da sua propriedade?

ENTREVISTADO – 10 hectares

Sua atividade principal?

ENTREVISTADO – Cupuaçú,

Mão de obra familiar

Sua relação com o mercado?

ENTREVISTADO – via cooperativa

Outra atividade remunerada?

ENTREVISTADO – Trabalho aqui (Sede da cooperativa RECA)

Algum membro recebe auxílio?

Não

Como que você iniciou a sua atividade, como que foi o início dela?

ENTREVISTADO – A minha produção, eu sempre fui da roça, eu aprendi com meus pais, né. É uma sucessão, eu estudei em escola família agrícola também em Cacoal, fiquei 4 anos, e quando a gente é jovem a gente não pensa muito né, mas é, nunca tive assim vontade, até que eu fui, fui pra Rio Branco, passei um tempo lá, mas não me adaptei em Rio Branco, não me adaptei em Porto Velho, nossa, não tem como, eu morava aqui na rua , aqui, dentro da vila zuina aqui, mas dái eu tinha minha propriedade, assim que eu desvinculei assim da casa do meu pai, eu já, ele que me deu a área, ele deu a área e aí eu comecei a trabalhar. Ele já me deu plantando, né. A primeira área minha já tava plantada, minha primeira área já tava plantado os pés de cupuaçu, era só manter, se eu não fizesse isso, né, sendo técnica ainda mais trabalhando dentro da cooperativa. Já tava casada.

Quais foram as maiores dificuldades do teu início?

ENTREVISTADO – No meu início a maior dificuldade foi manter limpa, com poda, todo o manejo né, que a gente não queria pegar nenhum benefício fora, então foi esse.

Como você considera que você que você superou essa dificuldade inicial?

ENTREVISTADO – Como que eu superei? Eu já tinha o conhecimento do que fazer. A gente trabalha fora né, tanto eu como meu marido, então a gente tinha que conciliar as duas coisas, e aí, a propriedade não dava renda, né ainda, então a gente tinha que tirar de outro pra investir lá, então esse, talvez esse foi a maior dificuldade.

Durante toda a tua vida você sempre trabalhou fora e teve a propriedade?

ENTREVISTADO – Sim, depois que eu me desvinculei (do pai) sim, aí uma das dificuldades que a gente sente, é assim, que eu senti né, é a responsabilidade né, de que quando você tá com o pai e a mãe é um tipo de responsabilidade né, tá tipo o pai e a mãe tá te carregando, quando você decide não não quero mais, você decidiu mas não sabe as consequências, aí as consequências são, depois quando começa o primeiro mês vai bem, e aí o segundo mês que você, começa opa, agora tem energia, tem mercado, tem propriedade que não se mantém ainda, ainda bem que não, eu graças a Deus eu tive minha só depois de três anos de casada, né imagine as outras pessoas que casa e já tem filho.

Em relação a produção, você fez alguma tentativa de alguma cultura nova, tentou fazer algo diferente ou só manteve as culturas que já existiam na propriedade?
ENTREVISTADO – Eu incrementei o açaí dentro do cupuaçu e a andiroba e o plantio era com a banana, então o meu plantioele foi manejado com leguminosas, no caso e feijão guandu e fejão de cor. Nessa época né.

E qual foi o resultado, foi positivo, não foi? Deu certo, não deu certo?
ENTREVISTADO – Está dando certo. Está sendo positivo até hoje, eu trabalho com homeopatia na minha área, com biofertilizante sempre, homeopatia, é to passando, agora que a gente tá passando o fert-peixe, mas antes não tinha, então era só homeopatia, homeopatia, biofertilizante e torta de cupuaçu, pra passar no cupuaçu. Eu incrementei outras áreas, tentei com café, não deu certo, tentei com pupunha, tinha 4 hectare de pupunha, só que chega uma época que a gente não dá, não tem mais como tirar o palmito nem a semente, que tá muito alto, a gente cortou, e tá tentando uma área de café com cupuaçu, então tá uma área nova ainda.

No caso todo esse processo, de você inserir essas culturas tudo mais, essas ideias vieram por meio desses cursos, ou foi estudos que você foi pesquisando e você foi identificando. Como que foi esse processo de você inserir o açaí a andiroba e as leguminosas?
ENTREVISTADO – Acho que o estudo ajuda um pouco só que desde o princípio quando o RECA surgiu, ele surgiu quando o sistemas florestal sustentável né aí você pode pensar,

assim, hoje meu carro chefe é cupuaçu, só que se fosse por mim, só por mim, eu teria assim tipo, um pé de uma coisa e outro pé de outro, um pé de uma coisa e outro pé de outro, pra ser bem, bem assim diversificado mesmo, mas eu não mando só, então a gente, quando a gente tem outras pessoas, eu respeito também a ideia da minha filha que até compra hoje também, então assim, a gente tem que consolidar as ideias. Então hoje eu tenho dentro da minha área, tenho outras áreas, tem cupuaçu com cacau, cupuaçu com café, cupuaçu com andiroba e copaíba, cupuaçu com andiroba e copaíba e Jatobá, cupuaçu com pupunha e açaí.

E tudo foi você fazendo testes? E como foi esse processo?

ENTREVISTADO – Então desde o início era aquela questão de ser diversificado, diversificação, aí foi plantado cupuaçu, açaí e cupuaçu, pupunha e castanha, né. Só que deu certo, aí foi esquecido de incrementar as outras, as outras plantas, aí tivemos problemas, quando começou a produzir pupunha, a gente teve problema com pupunha de espinho, que a gente plantou de todo tipo né. Aí teve problema porque a pupunha também ela é muito agressiva no cupuaçu, então na linha que tinha pupunha, os cupuaçus morreram, então a gente foi vendo que não dava certo. E aí o pessoal esqueceu de que existia outros tipos de planta, e foram tirando aquelas plantas e não foi mais tipo. Veio pesquisas de mercado dizendo também o que que era mais viável, que eu sou contra. Porque pra mim, o que é mais viável pra mim pessoa. Ás vezes não é só o econômico, né do tipo econômico, é o meu bem estar, é o bem estar familiar, bem estar do solo é o meio ambiente equilibrado, né. Isto talvez seja, daí começaram a colocar na cabeça do pessoal que tinha que podá, cortá, tirá, sabe uma série de coisa. Então assim as vezes a gente tem que cuidar muito o que você vai levar pra dentro das suas áreas de informação também, eu não levo tudo que pego aqui, porque as vezes diz assim: ah o pesquisador tal, eu não sou contra não, tem que pesquisar, ah o pesquisador tal publicou lá que cupuaçu é bom assim, café é bom assim, açaí é bom assim. Mas que área ele tem, pra dizer que é bom assim? Ele desenvolveu lá 1 ou 2 pé, dentro de uma experiência mínima. É diferente do que você ter hectares e hectares daquilo ali e dizer pú mundo, pú público, você que tem uma área equilibrada, uma área sustentável. E aí quando chega um técnico. Então a minha área é partiu daí né, tipo eu, eu sou meia contra as ideias de que o pessoal de podá,

cortá. Meu marido podou, cortou, mas não tem que ser de qualquer jeito, não dá. E de minha parte tem que ser consorciado sim, cada planta no seu quadrado né, você tem que manter, você tem que alimentar, aquilo ali de uma maneira ou de outra, porque se você não alimentar, uma vai sugar da outra né, fazer o sistema. Eu tenho uma variedade de plantas lá mas são quadrados diferentes, que eu não concordo também. Então eu tinha uma área de cacau muito bonita nunca tinha dado nenhuma vassoura de bruxa nem um nada. Mas aí o pessoal ficou ah, porque aquela área tava tipo, porque no início do RECA também até esses dias atrás, cacau não podia ser consorciado com cupuaçu, a gente tirou a área de cacau.

Quando você diz consorciado, você diz plantar junto?

ENTREVISTADO – Plantar junto, no mesmo espaço, várias espécies, aonde elas vão crescer juntos, só que você tem que fazer pode de manutenção pra que todas, vivem ali naquele ambiente, uma sustentando a outra, né fazendo um equilíbrio, mas que nem uma vai ter concorrência com a outra. Aí o meu cacau agora, hoje ele tá assim oh (mostrou com as mãos a altura), eu tô tentando fazer com que ele sobreviva, porque lá na minha casa faz mais de 20 dias, mas de mês eu acho que não chove, dá um sereno, mas não chove. Ele tá seco, seco. Então eu provavelmente, não sei se ele vai sobreviver.

A minha pesquisa não é para verificar o tradicional, eu quero justamente investigar isso, o que que você identificou, chegou pesquisas de fora, que eles diziam que é certo. Mas você na sua prática, na sua propriedade, com a sua experiência fez de diferente do que veio desse pacote, que veio pronto que deu certo, que você com a sua experiência, por exemplo. Você aproveitou alguma tecnologia e você fez um rearranjo ou rearrumou aquilo pra te atender? Veio uma pesquisa, veio alguma coisa que poderia ser útil, mas a gente não pegou ela pronta, pegou o conceito e fez alguma coisa de diferente para aplicar na sua propriedade.

ENTREVISTADO – Sempre tem, dentro de alguma pesquisa sempre tem alguma que você, é, aproveita né. E não muda muito não, mas essas questões assim de incrementação de leguminosas, do solo, o tipo, qual é o tipo que melhor se adapta a cada um, cada uma.

Essas questões assim é de pesquisa, né. Porque eu não tive esse tempo nem esse. A única coisa que a gente observa, consegue observar é qual é que se dá melhor, né. Outra coisa é esses arranjos que a gente viu que tem uns que dá, outros não dá. Então os arranjos que eu digo, é uma planta de cupuaçu, uma de pupunha, uma de castanha, que aí a gente viu que a pupunha é muito agressiva, mas talvez não seja isso, talvez falte a gente alimentar ela, né, pra que ela não chegue até o cupuaçu, né. Então algumas coisas ainda falta. A pesquisa do INPA, que falou sobre praga, a broca de cupuaçu. Que no inicio meu pai trabalhava muito com isso né. Era pra colocar as iscas dos traquelos dentro da propriedade. Eu vejo que não, como que você vai trabalhar lá uma isca dentro da propriedade né pra qui os, a broca vai lá naquela isca, né. Nem pombo vai lá, se eu achar o fruto do cupuaçu antes da isca eu vou ficar no fruto de cupuaçu, ou nem todos vai lá, vem vai na isca, né mais dali ele já sai, porque a isca é só pra pegar. Eu só vou pegá de manhã, aquele que voou de noite vai ficar dentro da área. Então eu sou contra, não sou a favor que faça dentro da área, faça ao redor então, pra que ele fique. O que tá dentro, sai.

E você chegou a fazer esse experimento na sua propriedade?

ENTREVISTADO – Na minha área, pra não dizer que eu não tenho broca, tem 2 pé que tem, que esse ano eu observei, e eu já to dando um trato nele, assim existe também variedade que não dá vassoura de bruxa e nem dá broca, não sei se o pai falou isso ontem né. Pois é existe variedade que não dá, existe variedade que dá, é um galhos que são mais cipó, esses carregam mais do que os outros, tem a variedade que cresce pra cima e dá um ou dois fruto, grandes, são várias coisas que a gente observa, e que a pesquisa também traz isso, só que ela traz taxada numa coisa que as vezes pra nossa realidade, não cabe.

Essa pesquisa pretende exatamente isso. O que que vocês, no dia a dia de vocês nas dificuldades que vocês enfrentam no dia a dia. O que que vocês fazem de diferente dessa caixa, porque a caixa pode resolver uma parte, mas vocês lá na prática é totalmente diferente do que esse pacote que vem pronto. E vocês melhor do que ninguém, às vezes sabem como resolver ou pode somar alguma coisa da pesquisa, alguma área que vai ajudar e vocês vão remodelar aquilo, vão reajustar aquilo. Você considera que esse conhecimento adquirido com curso, treinamento, que isso ajudou de alguma forma?

ENTREVISTADO – Sim.

Aqui vocês têm atividade dia de campo?

ENTREVISTADO – Sim.

E a cooperativa também, no caso, tem visitas técnicas aos empreendimentos.

ENTREVISTADO – Sim.

O teu é orgânico?

ENTREVISTADO – É orgânico.

Você tem o selo internacional

ENTREVISTADO – Sim. Selo do IBT, são 3 certificadoras

Em relação as melhores técnicas de produção vocês têm essa discussão entre você produtores e proprietários, vocês conversam, discutem essas questões?

ENTREVISTADO – Tanto nas reuniões de coordenação discute, quanto na reunião de grupo também, quanto tem um grupo, existe reuniões de grupos, tipo assim, pessoal só do cupuaçu, pessoal só da semente da pupunha, pessoal só do palmito, então nesse dia é colocado, pessoal os técnico daqui, pega produção dos produtores, destaca assim alguns produtores, hectare e produção, faz o levantamento de custo, de cada área. E mostra pro todo, o que foi feito, o que não foi, quanto gastou, isto é feito

Em relação a tua produção, você considera de quando você começou pra hoje, você considera que houveram mudanças na tua produção, você implementou alguma coisa de diferente que trouxe melhores resultados?

ENTREVISTADO – Sim. Eu tenho 3 áreas de cupuaçu produtiva, uma tá com 19 anos, que é da idade da minha filha, e duas está com, acredito que uns 6, 7, vai fazer 8, 7 anos agora. Então essas áreas, tenho mais 2 chegando né. Porque são 10 hectares, mas só 4,5 é plantando, os outros hectares não, são capoeira e beira de rio, então eu não posso mexer, mexo na capoeira, mas é pra plantar outras coisas né. É, algumas coisas vem já da base,

tipo quando você planta, você tem que escolher umas boas planta mãe, igual essa que acabei falando aqui, tem aqui não da vassoura de bruxa nem dá broca né.

E aí você identificou já isso anteriormente?

ENTREVISTADO – No caso o meu pai identificou isso, (e aí você já aproveitou), ele fez as mudas, plantou e me deu, daquele plantio, a gente já fez semente pra plantar os outros , né. Então o solo, no solo tinha leguminosa e banana, banana é excelente pra plantio, por causa dos nutrientes que ela tem no caule dela. A área que eu tenho hoje que era de pupunha que eu derrubei e plantei, assim faz 2 anos, que a gente tá pelejando com ela, porque a gente entrou diretamente com plantio, então já é uma experiência nova de novo. Porque a pupunha ela suga muito o solo, né. Então assim eu tô tentando fazer com que esse solo se recupere (ele ainda tá no processo), tá no processo. A gente plantou feijão guandu esse ano, tá mantendo ele meio com as plantas capoeira meia baixa né, pra que num num fique totalmente descoberto, mas esses 2 plantios, essas 3 áreas que eu tenho, a gente, quando os outros tavam utilizando tipo, produto, adubo químico ou fosso hipotássio, nós estávamos utilizando homeopatia e biofertilizante. Não que eu não usei também, mas nos outros anos seguintes eu usei. E leguminosa poeirada, no primeiro plantio a gente não usou poeirada, a gente usou feijão guandu e feijão de cor. Nos outros plantios a gente usou poeirada, então eu tenho poeirada dentro da minha área toda, tenho feijão guandu e uso muito homeopatia.

E você percebe que isso deu um resultado positivo?

ENTREVISTADO – Sim. Tanto que a minha área, eu não tenho um hectare todo dessa produção minha de 19 anos eu tenho 200 plantas, 200 plantas de cupuaçu, aí dentro tem cupuaçu, andiroba, castanha, lim, tem lim tem mogno e tem açaí, 100 pé de açaí. Então é uma pequena área, não é 1 hectare, é 0,85, não é totalmente 1 hectare. Com essa quantidade de plantas, então o pessoal diz há, mas é pouca planta. Não, não é pouca planta, porque se você pegar o espaço pra essa quantidade, claro que não tem 100 pé de castanheira lá, tem 5 pé de castanheira. Só que 1 castanheira, o espaço da castanheira é 30x30, é pra ser, né 30x30. Eu tenho andiroba, tenho açaí (então em um espaço menor, você faz uma produção muito mais produtiva né?). Então no ano passado só nesse

pedacinho de cupuaçu que eu tenho, ele me deu, ano passado 2019, ele me deu quase 14 tonelada de cupuaçu, aí a gente tirou açaí, perdeu quase toda a safra de açaí, porque a gente não sobe né, Teve que pegá pessoas de fora, então me deu uns mil e poucos reais de açaí, não é muito né, mas ajuda. Andiroba eu tenho pouca, andiroba ela dá pouco, ela não dá muito, então ela dá 5 lata, não é muito, mas dá, já ajuda, soma. E aí tem outras plantas que não me dá nada, mas tá lá pra colaborar. Tipo o nim, né, que é um repelente, é tem o mogno, que não tem muito também, mas tem, tem ipê, tem um monte de outras. Não é muito não mas tem. Então assim o que que eu agrego. O que eu acho que fiz de diferente foi isso. Não sei.

E aí você considera isso você fez de diferente, te agrega valor? Falando assim dentro do próprio RECA, porque nem todos trabalham dessa forma, em relação a agregação de valores. Você considera por exemplo o fato de estar na cooperativa, o fato de ter as reuniões, você considera que isso tudo também auxilia? Como que, pra vocês terem essa agregação de valores no produto? A cooperativa auxilia nisso?

ENTREVISTADO – Sim. Auxilia, ajuda sim. Porque nessa questão de vai lá, como que é, ajuda moral, os técnicos quase não vão lá na minha área, mas faz uma análise de solo, eles que mandam pra fora, eles que fazem né. Eles que analisa, analisa os caules, da certificação orgânica, eles têm colaborado bastante também.

Em relação ao processo de administração, de gestão da unidade. Vocês mesmos que fazem. E você considera que houve mudança do quando você começou pra agora?
ENTREVISTADO – Sim tem diferença.

E como vocês implementaram essa mudança? Foi por meio de curso? Dessa mudança de gestão, dessa melhora de gestão?
ENTREVISTADO – No início a gente não anotava muita coisa, tanto fazia. Ah, se perdesse cupuaçu, perdeu, se traze, trazia. O açaí também. E aí através disso, que a gente através das palestras, através de, um pouco da capacitação né que a gente tem, um pouco de cobrança sobre a certificação, sobre como, os nossos clientes. Pelo fato de eu estar aqui

dentro (do RECA) fazer parte do processo, então eu tenho que fazer, né. Então a gente começou anotar, vê. E vê que 1 kg de cupuaçu que você joga fora, faz falta. Muita gente diz que é porque a gente é muito seguro, não, não é porque a gente é muito seguro, aquilo ali custou, custou do bolso, custou do meio ambiente, custou pra planta, e quanto pra planta não custou pra carregar aquele 1 kg de cupuaçu, que eu posso transforma aquilo ali em adubo de volta, eu posso transformar em dinheiro pra alguma coisa, então, essa. A gente aprendeu a valorizar mais.

Você considera que você tem alguma tecnologia alternativa ou sua ou da cooperativa que auxiliou vocês?

ENTREVISTADO – Sim. Eu acredito que tudo isso que eu falei. Na realidade eu tava discutindo com o Fábio, isso aí. Falei agroecologia não é uma tecnologia nova, é da antiguidade. Nó é que (mas vocês estão remodelando né). É na realidade o que que aconteceu. A gente perdeu né tudo. Fazê igual, tem uma pessoa que fala assim, hoje a gente, antes chamava-se o pessoal antigamente de burro, que não sabia lê, não sabia escrever e etc., hoje a gente é uns inteligente, hoje a gente é uns inteligente burro. Porque tudo cê qué ir no mercado comprar, tudo tudo tudo tudo, sendo que você tem. Né, você tem ali, tudo você vai lá no mercado compra caro, paga frete e tudo mais. Pra trazer um adubo pra você e você não sabe o que tem naquele adubo, você tem que, você tem que acreditar em um papel, em uma palavra de outra pessoa. Sendo que você tem em casa cinza, você tem em casa a poeiragem, tem em casa a bosta do boi, você tem em casa as casca do cupuaçu, digamos assim. Então você pode fazer, então você tem a bananeira, que é a junção dos ossos né, com a bananeira com a cinza, você faz um adubo excelente.

E no teu caso você tem feito isso ou não? A questão desse reaproveitamento de insumo, de resíduos?

ENTREVISTADO – Sim. Na minha casa quase não tem resíduos. As cinzas que eu tenho ou eu jogo no biofertilizante ou nos pés das plantas né, é as fezes das galinhas também. Então eu só tenho galinha e um porquinho agora, mas não vou querer mais porco não. Eu não gosto de porco não. Mas as cascas de ovo é reaproveitado, porque é cálcio né, puro cálcio. Então, eu tento reaproveitar o máximo que eu posso. A única coisa que eu às vezes

fico sentida assim é porque arroz, feijão, essas coisas a gente compra no mercado. Infelizmente a gente não planta. E até porque eu não tenho tempo pra isso, tô ficando velha pra isso.

Você considera que em relação de quando você começou pra hoje, dentro da sua produção. Você acredita que isso trouxe bem estar para a sua família, qualidade de vida para a sua família?

ENTREVISTADO – Sim. Com certeza. Eu morava na vila, não deixava minhas filha nem brincar no terreiro, nem na rua né. Não deixo, né. Elas vivia trancada dentro de casa assistindo televisão porque eu trabalhava, quando eu chegava em casa, eu ía pra chácara, e aí isso fez com que a gente fosse pra chácara, morá na chácara. Hoje minhas filhas jogam bola no terreiro, convive com as plantas, convive com os animais. Se eu tivesse ficado aqui, assim eu vi uma mudança totalmente diferente. A gente era antissocial, assim com elas né, não tinha muito, muita vivência entre nós, quando a gente foi pra chácara a gente viu os olhos brilhar melhor. Não sei se a presença de tá lá todo dia, de tá movimentando, de tá vendo, de tá levando elas pra fazer isso. Então, alimentação diferenciada também. Porque aqui era coca-cola, salgadinho, pastel. Lá não, lá é mandioca, pão tem biscoito, tem, claro que a gente compra também né. Mas a questão de coca-cola, refrigerante, essas coisa, a gente praticamente a gente cortou das nossas vidas.

Só voltando aqui, você falou que na sua produção, quase não tem resíduos. O que que você considera que teve essa redução de resíduo, a dimunuição desses resíduos. O que você considera que vocês fizeram pra reduzir esses resíduos?

ENTREVISTADO – Ah meu Deus, é tudo que isso que eu falei. O reaproveitamento e a gente traz praticamente quase tudo para cá né. E aí quando a gente leva, a gente leva de volta, leva o composto, leva a torta, leva a torta de castanha, pra dá pras galinhas, né. A questão de alimentação, resíduo de alimentação, não tem, o que tem de resíduo que sobra é as casca de cupuaçu, mas aí volta pra propriedade né. A banana eu dou pras galinhas né.

Em relação a questão da aceitação dos produtos, pelos consumidores, pelos compradores, você considera que todo esse processo de vocês, dessa escolha. Acha que

isso interferiu na aceitação dos produtos também. Por exemplo, o fato de vocês escolherem essa vertente mais orgânica, o fato de vocês terem optarem por isso influenciou o comprador?

ENTREVISTADO – Com certeza. Com certeza. Porque teve alguns anos que ninguém conseguiu vender açaí, só nós, aqui na região. Que eu tô falando. O que a gente, pelo que eu sei, assim né, daqui de dentro né. É, porque só teve dificuldade de vender o açaí, quando tava o açaí em São Paulo, em outros lugares, e a gente não teve (foi o período do barbeiro), Isso mesmo, e a gente não teve essa dificuldade de colocar o açaí no mercado nessa época. Então eu considero que é devido a isso, porque mesmo as pessoas que não compra na certificação. Mesmo as pessoas que não são certificadas, não tem certificado orgânico, ás vezes elas não são certificada, pelo fato de não querer participar de reuniões, pelo fato de não querer fazer uma fossa na casa, ou ter o cuidado com o lixo. Alguma coisa assim digamos né. Não tenho certeza, porque não tô mais na área técnica, então não tenho ido nas propriedades. Só pelo fato disso, mas a área é totalmente, não usa veneno.

Então como que vocês fazem esse controle de produção? Esse controle de qualidade? Vocês fazem primeiro na propriedade?

ENTREVISTADO – É uma rastreabilidade. Que a técnica no caso, dos nossos produtores, a gente tem ouvido o coordenador, o vizinho né. Conhece a área um do outro. E aí quando eu trago a minha produção aqui, é feito assim, pela quantidade de plantas que eu tenho, mais ou menos a gente já calcula, quantos, quanto vai produzir. Se eu tiver passando, é porque eu tô pegando de alguém né então. Já sabe. Quando inicia-se uma área nova, que vem deixar produto aqui, os técnicos vão fazer visita e tirar ponto, por GPS. Pra gente manda pro cliente, a gente tem uma planilha, aonde vai nome, CPF, data de nascimento, nome da propriedade e ponto do GPS.

Nesse caso quem faz é a cooperativa?

ENTREVISTADO – É a equipe técnica. Mas aí se tiver alguma coisa de errado, tipo, nas reuniões de coordenação e de grupo que a gente faz, a gente pede pra que se eu usar, eu sou orgânica, não vou usar, mas aquele que não é orgânico. Se ele usar alguma coisa, ele apresentar nota fiscal, ele vir fala pra equipe técnica o que usou, o que não usou. E tem

um questionário. E nesse questionário ele tem que dizer o que que ele usou. É por isso que a gente sabe, aí às vezes a gente sabe mais da vida do outro do que da nossa.

Existe alguma relação informal, ou vende alguma coisa pra outro grupo, ou outra cooperativa?

ENTREVISTADO – Existe, a gente vende produto pra COOPERACRE, a gente tem relação com a COOPETIDAL (falando de você?). Não, tô falando do geral. (Não, da tua propriedade). Não é só aqui, no RECA. Eu pessoa não tenho relacionamento, tenho minha vida, eu tenho relação com esse pessoal, devido eu trabalhar aqui dentro. Em relação a minha propriedade não. Acaba confundindo um pouco, porque a comercialização quem faz é a cooperativa, então.

Vocês recebem algum tipo de ajuda, poliítica ?

Jà recebi do RECA mesmo né, auxílio da questão dos projetos que sai. Aí a gente pega, hora de carregadeira, gradagem, através do projeto. Eu tenho um projeto com o LINHÂO, com a ELETROBRÁS né, assinei um termo que eu tenho que ficar com aquela área lá 20 anos, (passa dentro da tua propriedade?). Não é recuperação de área né, que eles devido as usinas, que eles tiveram que plantar em outros lugaresné. Então eles ofereceram, acho que na época, não me lembro, acho que 50 hectar pro RECA, não me lembro mais quantos hectares, peguei 1, dessa, deles né. Todo ano eles vão faze visita na minha área pra tirar ponto de GPS. Aí eles levam calcário, quisca, orgânico (é área de floresta né?). Não é área de recuperação no caso. Mas vai virar floresta. Animal lá não falta, é tatu, capivara, porco do mato, é ontem eu achei uma cabeça de um macaco. Ai eu fiquei com dó, é bicho do mato, é aqueles tamanduá, que já fazia muito tempo que eu não via lá em casa, em cima do da cerca, cachorro pulou ele subiu na cerca. Então animal lá em casa não falta, então provavelmente vai virar uma floresta ou um corredor. Tem onça também porque comeu minhas galinha tudo.